

MULHER, TEMPO E TRABALHO: O COTIDIANO DE MULHERES COMISSÁRIAS DE VOO

*MUJER, TEMPO Y TRABAJO: LA VIDA COTIDIANA DE MUJERES AZAFATAS
WOMAN, WORK AND TIME: THE DAILY LIFE OF WOMEN FLIGHT
ATTENDANTS*

Flaviany Ribeiro da Silva, Anna Paula Uziel

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

e Lúcia Rotenberg

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

RESUMO

Este artigo aborda como mulheres mães, que atuam como comissárias de voo, percebem e organizam suas vidas cotidianas, abordando vivências e práticas em relação à organização temporal e espacial do trabalho na aviação. A relevância deste tema decorre das especificidades na organização temporal e espacial do trabalho, peculiaridades com relação à gestão da vida cotidiana e os possíveis atravessamentos da questão de gênero nesse universo laboral. Este estudo faz uma interlocução com a discussão sobre tempo e trabalho. Com inspiração no método cartográfico, foram entrevistadas seis mulheres mães comissárias de voo. Os discursos revelaram outras formas de gerenciar a casa e a maternidade, outros modelos de relação com filhos, amigos e familiares e uma concepção de trabalho que nos faz problematizar o que concebemos como penoso e gerador de sofrimento a partir dessas experiências que se dão em territórios existenciais pouco habitados.

Palavras-chaves: gênero; comissárias de voo; cotidiano.

RESUMEN

Este artículo aborda como las mujeres madres, en calidad de azafatas, perciben y organizan su vida diaria, abordando experiencias y prácticas en relación con la organización espacial y temporal de trabajo en la aviación. La relevancia de este tema radica en la organización espacial y temporal específico de este trabajo, peculiaridades con respecto a la gestión de la vida cotidiana y las posibles influencias de la cuestión de género en el mundo laboral. Este estudio es un diálogo con la discusión de tiempo y trabajo. Inspirado por el método cartográfico, se entrevistaron seis mujeres asistentes de vuelo madres. Los discursos revelan otras maneras de administrar el hogar y la maternidad, otros tipos de relaciones con los hijos, los amigos y la familia y una concepción del trabajo que nos hace discutir lo que concebimos como doloroso y generador de sufrimiento en experiencias que se producen en territorios existenciales escasamente poblada.

Palabras clave: género; azafatas; cotidiano.

ABSTRACT

This article discusses how women mothers who work as flight attendants perceive and organize their daily lives, discussing experiences and practices in relation to spatial and temporal organization of work in aviation. The relevance of this issue arises in the specific temporal and spatial organization of work, peculiarities regarding the management of everyday life and possible influences of gender issues in the working world. This study is a dialogue with the discussion of time and effort. Draws on the mapping method, six flight attendants women mothers were interviewed. The speeches revealed other ways of managing the home and motherhood, other types of relationships with children, friends and family and an understanding of work that makes us to question what we conceive as painful and suffering generator from these experiences that occur in existential territories sparsely populated.

Keywords: gender; flight attendants; daily.

O presente estudo tem por objetivo compreender como mulheres comissárias de voo percebem, vivenciam e organizam seu cotidiano profissional e de vida, com foco nas relações de gênero. A escolha por mulheres comissárias de voo se deu por ser uma profissão que apresenta especificidades na organização temporal e espacial do trabalho que podem influenciar a gestão e organização da esfera cotidiana. Entre as especificidades da organização do trabalho incluem-se o uso de escalas de voo “irregulares” (ou seja, os dias e horários de voo são variáveis de uma semana para outra), o trabalho noturno, voos transmeridionais (que atravessam fusos horários), a necessidade de pernoitar em outras cidades, o que implica a ausência física por vezes sem possibilidade de rápido regresso ao ambiente doméstico, e os possíveis desencontros em relação aos horários de convívio sociofamiliar.

Em virtude dessas características do trabalho na aviação e considerando as especificidades da questão de gênero dentro desse universo laboral, esta pesquisa buscou conhecer as particularidades do cotidiano de mulheres mães que trabalham como comissárias de voo. Ao focar mulheres que são mães, estamos considerando que a vivência da maternidade, além de propiciar um núcleo familiar próprio, possibilita experienciar especificidades na organização e gestão da esfera doméstica, dada a importância da mesma em nossa sociedade.

Destacamos que, a priori, a escolha por este objeto de estudo estava permeada por uma concepção de que o trabalho da mulher aeronauta se apresentava, especialmente, como algo penoso e gerador de sofrimento por envolver mulheres cujo trabalho demanda o frequente distanciamento espacial e temporal da esfera doméstica. Assim, nossas ponderações e percepções acerca desse universo laboral feminino apresentavam-se nitidamente atravessadas por um viés queixoso e vitimizador. Isso por acreditar que o afastamento sistemático e recorrente do lar implicaria possíveis desorganizações no gerenciamento e organização do cotidiano familiar e de vida. Tornou-se um objetivo, e também um desafio, não cair na armadilha de vitimização dessas profissionais, na tentativa de capturar e descrever o que se manifesta no plano das forças e afetos. A partir da constatação de nossas implicações neste estudo, foi feito um esforço no sentido de apreender os discursos destas mulheres partindo da concepção de que o trabalho, ainda que gerador de sofrimento, também é fonte de satisfação quando nele se encontra sentido (Brito, 2005).

Embarcando no trabalho das comissárias de voo

O instrumento utilizado para ter acesso aos depoimentos de mulheres comissárias consistiu em entrevistas, na concepção de entrevista como processo. E, nesse sentido, a entrevista não se apresenta enquanto simples forma discursiva neutra que pode ser utilizada ou não para representar eventos reais. Como nos aponta Azeredo (2010), “longe de ser simplesmente uma forma de discurso que pode ser preenchida com diferentes conteúdos, reais ou imaginários conforme o caso, a narrativa já possui um conteúdo anterior a qualquer atualização sua na fala ou na escrita” (p. 178). Salientamos a importância da apropriação de bibliografia sobre o Método Cartográfico (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009) na leitura das entrevistas, por ter propiciado promover questionamentos que contribuíram para o descolamento da concepção de pesquisa como a representação de objetos (Passos, Kastrup, e Escóssia, 2009).

As entrevistas realizadas configuravam conversações e consistiam em temáticas que versavam sobre questões que aguçavam nosso interesse no campo de intervenção. A escolha por entrevistas se configurou com o intuito de investigar as vivências e percepções acerca do cotidiano profissional e de vida com mulheres mães comissárias de voo. No contato inicial com as entrevistadas, fornecíamos uma explicação prévia sobre a pesquisa, deixando a participante ciente de que usaríamos nomes fictícios no estudo, de que a entrevista seria gravada e que utilizaríamos a gravação apenas para fins de estudos.

Ao discorrer sobre a prática do encontro, Azeredo (2010), ao se inspirar no filme produzido pelo cineasta Eduardo Coutinho *Jogo de Cena*, afirma que a prática do encontro é a

tentativa de “esvaziar-me de mim para ouvir o outro”. E para esvaziar-me de mim é preciso que o eu esteja ali, pois trata-se de um encontro, de afetar e ser afetada pelo outro. Trata-se, no entanto, de um eu que não está pronto e que se constitui no encontro com a diferença. (p. 178)

Vale destacar que a tentativa de “*abrir-se ao encontro*” tornou-se exercício constante no trabalho de campo.

Acreditamos que a necessidade de manter contato via telefone ou email por diversas vezes de forma a tentar agendar as entrevistas tenha contribuído para que o desconhecido, até aquele momento, se tornasse mais familiar. Nesse sentido,

nos aproximamos das reflexões da antropóloga Janice Caiafa (2007), quando afirma que “a linguagem dá realidade ao estranho, a comunicação reúne para distrair os conversadores de si mesmos, para trazê-los mais perto de estranhos mundos” (p. 93). Experimentávamos, naqueles desencontros, um pouco do que elas relataram depois sobre suas vidas.

Foram realizadas seis entrevistas com mulheres mães comissárias de voo que residem no Rio de Janeiro e atuam em diferentes companhias aéreas que realizam voos domésticos. Essas mulheres apresentam em média 34 anos de idade e filhos na faixa etária de 3 a 15 anos. A maioria havia entrado para a aviação ainda muito jovem e apresentava mais de 10 anos na profissão.

A ida a campo ocorreu em dois diferentes momentos, no segundo semestre de 2009 e em março de 2010. No primeiro momento, as comissárias foram selecionadas entre pessoas conhecidas, indicadas por conhecidos ou indicações das próprias comissárias entrevistadas. No segundo momento, as entrevistadas foram indicadas pelo chefe do setor de embarque/desembarque do Aeroporto Internacional Tom Jobim, do Rio de Janeiro. Cada comissária foi entrevistada em separado e nos locais e horários que lhes foram mais convenientes.

Para contextualizar o grupo estudado, vale considerar algumas mudanças recentes na aviação comercial brasileira. Neste estudo, grande parte das comissárias entrevistadas havia sido reinserida na aviação comercial após o desmantelamento de grande companhia aérea na qual atuavam (Varig). Como sinaliza Mello (2009), com o desmantelamento da Varig ocorreram alterações importantes no cenário da aviação comercial brasileira, como, por exemplo, uma “maior incidência de precarização nas relações de trabalho, aumento de desemprego, intensificação da competição entre empresas aéreas e o aumento da degradação nas condições de trabalho” (p.14).

Temporalidade e o trabalho de comissárias de voo

Ao pensarmos sobre as repercussões da organização temporal do trabalho na vida dos aeronautas, consideramos importante enfatizar a função da escala de trabalho no cotidiano das tripulantes. As escalas são documentos publicados pelas Companhias Aéreas onde ficam registrados os dias de trabalho e folgas que o tripulante deverá cumprir durante sua jornada de trabalho. Essas escalas, dependendo da empresa aérea, podem ser divulgadas

mensal ou quinzenalmente. Quando realizávamos as entrevistas, tornou-se comum as comissárias relatarem que gostariam de nos mostrar suas escalas, talvez como forma de ilustrar o desenrolar da sua trama de vida cotidiana ou até mesmo para melhor compreendermos a complexidade e o emaranhado de suas ações. A partir de então pudemos notar a centralidade da escala de trabalho e sua função reguladora no cotidiano dessas mulheres.

Segundo discutido em uma publicação da Associação dos Pilotos da Varig, é a escala que vai regular a vida desses trabalhadores num determinado período, pois vai determinar *quando e para onde* o aeronauta irá. Além do mais, é a escala que também determinará o *quanto* esses profissionais irão voar. De acordo com APVAR (1992), “a escala está sujeita a modificações de acordo com os interesses de tráfego da empresa” (p.23).

Nesse sentido, a escala de trabalho dos aeronautas parece apresentar estreita relação com a lógica dos instrumentos de regulação temporal, como, por exemplo, o calendário (Mello, 2009). Conforme sinalizado por Zerubavel (1997) “um calendário exprime o ritmo das atividades coletivas, ao mesmo tempo em que sua função é garantir certa regularidade” (p. 31).

Ao discorrer sobre a função simbólica dos calendários, Elias (1989) alega que esses podem ser utilizados como exemplos gráficos das funções coordenadoras e integradoras de tempo e atividade. Tal definição, talvez, possa também ser utilizada para se referir às escalas de trabalho dos aeronautas, que se tornam instrumento imprescindível para coordenar e integrar a organização social da vida cotidiana dos tripulantes em um determinado período de tempo. Se nos basearmos na concepção de Norbert Elias (1989) sobre os instrumentos de organização temporal, o autor considera que: “dias e meses do calendário se constituem em um modelo repetitivo da não repetição da seqüência de fatos” (p. 16). Essa lógica parece se relacionar com a característica da escala de trabalho do aeronauta, na medida em que esta também se materializa com a repetição e, ao mesmo tempo, não repetição da seqüência de dias de trabalho e folga.

Talvez a lógica reguladora da escala possibilite uma maior identificação não somente com o calendário, mas de forma até mais acurada com uma agenda. Tal questão se impõe ao nos basearmos na explanação de Rifkin (2005), quando discorre sobre o fato da relevância política do calendário ter sido reduzida com o surgimento da agenda. Para esse autor, a agenda exerce um controle maior que o calendário, pois regula

o microtempo - eventos dispostos nas horas do dia, além de buscar sua legitimidade no futuro e associar-se em maior escala com a produtividade.

Ao considerarmos que a escala possa exercer a função de organizador social no cotidiano desses trabalhadores, eventuais alterações nesse documento podem ser prejudiciais para o planejamento de suas vidas (APVAR, 1992). Nas entrevistas realizadas, não se tornou incomum ouvirmos relatos como “*nós somos dependentes da escala*” (Andrea) ou “*a escala é a minha vida, porque dentro do que está publicado eu sei o dia que eu saio, volto*” (Jussara).

Outro fator que parece se destacar nos depoimentos das comissárias se relaciona com o fato das companhias aéreas apresentarem certa rigidez quanto à possibilidade de realizar eventuais “trocas” de voos entre os tripulantes, demandando uma organização com certa antecedência para que seja possível efetivar uma troca de dia de voo. Por diversas vezes pudemos ouvir relatos sobre a dificuldade de programar vida social e familiar devido à dependência da publicação da escala de trabalho. Algumas comissárias relataram ansiedade e expectativa na ocasião da espera pela publicação da escala referente às datas festivas de final de ano, como Natal e Ano Novo. Segundo relatado, a escala referente a datas especiais, como nas proximidades do término do ano, são publicadas *em cima da hora*, o que resulta em um certo desconforto por não saber qual será *seu destino* nas datas em que muitos trabalhadores prezam estar com suas famílias e amigos.

A escala de trabalho, dessa forma, parece representar uma questão temporal importante na vida destas comissárias de voo. Em todas as entrevistas referiam-se à escala de trabalho como algo que ordenava e possibilitava a vida. Nesse sentido, é a partir da consulta a esse instrumento que se torna possível o fazer cotidiano: “*Para eu marcar um chopp com uma amiga, tenho que esperar sair a escala*” (Jussara). Ou então a organização da vida diária, nos remetendo à analogia com uma agenda: “*Quando eu pego a minha escala, que é mensal, eu já calculo quantas horas que eu tenho que sair de casa e vou pondo de lápis do lado*” (Carla).

Compreender a percepção cotidiana do tempo de trabalho nas mulheres comissárias exige um esforço no sentido de compreender que o tempo pode ser considerado o denominador comum de todas as atividades e, ao mesmo tempo, o organizador do acontecer e regulador da vida cotidiana. Conforme apontado por Roberto Da Matta (1997), “para ‘ver’ e ‘sentir’ o espaço, torna-se necessário situar-se” (p.29), Nesse sentido, ao nos remeter à dimensão temporal

das mulheres comissárias de voo, também parece se tornar necessário “situar-se”. Esse autor talvez nos faça compreender a marcação temporal no universo da aviação ao afirmar que “as unidades de tempo só podem ser visíveis enquanto tal porque estão ligadas a alguma atividade socialmente bem marcada” (Da Matta, 1997, p.34). O autor continua: “o tempo ordinário do trabalho é marcado pela família e pelas rotinas da manutenção do corpo: comer, dormir, reproduzir-se, sustentar níveis de satisfação mínimos com a comunidade em geral, com o grupo primário e com o indivíduo em particular” (p.38).

A questão temporal parece surgir nos depoimentos de forma velada e especialmente reveladora, traçando um cenário de tensões onde o cotidiano se desdobra. Dessa forma, nos aproximamos de uma perspectiva semelhante àquela desenvolvida por Michel de Certeau (1996), quando afirma que:

o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. ... O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. ... É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. ... *o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível.* (p.31)

Os depoimentos das comissárias evidenciam a centralidade da dimensão temporal no desenrolar das atividades cotidianas, seja com relação à imprevisibilidade - “*só vou saber da minha vida no dia 30 quando sai a escala*” (Carla) - ou impossibilidade do tempo para si próprias, quando relatam questões quanto a não conseguirem se programar para ir ao médico, fazer ginástica ou até mesmo quando se referem aos momentos de convívio com amigos: “*você não tem horário, não tem vida social, quando tá saindo seus amigos estão chegando*” (Jussara).

Zerubavel (1997), ao discorrer sobre a importância da regularidade temporal para a ordenação e estruturação da vida, vai ao encontro do que vem sendo apontado por essas mulheres quando se referem à centralidade da dimensão temporal na organização do cotidiano. Assim como relatado por elas, Zerubavel (1997) aponta para o fato de que o tempo se configura como um princípio fundamental de organização que facilita a institucionalização da vida privada, bem como a segmentação dos indivíduos ao longo das linhas de suas várias participações sociais.

Outra característica desse grupo, que talvez se relacione como sendo uma característica do tempo feminino, se refere à utilização do tempo, quando dele dispõe, para o cuidado de outros, afazeres da

casa e atividades referentes às exigências do trabalho profissional. Em geral, o tempo excedente feminino não é destinado a si própria: *“tem dias que eu não paro, tem semanas que só tenho uma folga e nela eu vou à escola do Raul [filho], ver como está o Raul na escola, vou ao supermercado, vou fazer minha unha para trabalhar”* (Jussara).

A preocupação com o trabalho profissional, a maternidade e tarefas domésticas parece demarcar a utilização do “tempo destinado ao outro” e caracterizá-lo como uma escolha essencialmente feminina. Em outra entrevista pudemos ouvir: *“no meu caso... como eu sou assim... muito para a minha família, eu deixo de ir ao salão de beleza porque vou perder muito tempo, eu faço a unha eu mesma, tiro um monte de bife, eu mesma arrumo o cabelo”* (Andrea).

A demarcação de um “tempo para si”, conforme abordado pela socióloga portuguesa Emília Araújo (2000), se refere a:

uma dimensão carregada de subjetividade, “extraído” da relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre, e mediador dos seus conteúdos, engloba algo mais do que a quantidade de tempo pessoal dedicado a si, à esfera fisiológica, psicológica e sexual, entre outras... Nesse sentido, integra na linha dos teóricos do lazer e do tempo livre, uma atitude mental e emotiva, uma visão do mundo, um “estado de espírito”. Por isso, entrelaça-se conflitual e de forma ambivalente no tempo “de trabalho”, “livre” e, entre outros, “familiar”. Enquanto dimensão bastante privatizada, mas publicamente expressa, implica reflexão sobre as (des)valorizações profundas do trabalho/lazer, prazer. (p. 3)

A organização temporal do trabalho na aviação e o tempo destinado ao trabalho profissional parecem incidir sobre o cotidiano feminino sinalizando duas vertentes temporais importantes: o “quando” se tem tempo e o “quanto” desse tempo é despendido. Ao se considerar essas vertentes temporais, vale ressaltar que a estruturação e a organização temporal do trabalho na aviação parecem também contribuir para a sensação de cansaço e vivência da dimensão temporal em suas próprias vidas cotidianas.

Também se sobressaem nos depoimentos relatos que descrevem a forma como utilizam o seu tempo quando estão em casa: “O tempo que estou em casa tento fazer com que a qualidade seja boa, o mínimo que seja, *por menor que seja o tempo que esteja em casa*” (Jussara). No relato acima, a vertente do “quanto” se sobressai na medida em que há a preocupação com a pouca quantidade de tempo dedicado aos filhos e a qualidade advinda dessa quantidade. Ao que parece, a preocupação com

qualidade do convívio versus quantidade de tempo parece se referir a uma compensação da ausência. Quando utilizamos a expressão “compensação da ausência”, nos referimos ao fato de parecer existir uma valorização e priorização do tempo quando estão em casa para atenção e cuidado, especialmente dos filhos. O que parece caracterizar uma autocobrança por qualidade nas ações em função da falta de sincronia familiar.

Ao considerarmos temporalidade e espacialidade do trabalho aeronauta, torna-se interessante pontuar a variedade de destinos para os quais os comissários são escalados e as interferências caso haja alteração em sua escala de trabalho sem aviso prévio. A grande variedade de aeroportos para os quais se destinam implica afastamentos maiores ou menores de sua vida sociofamiliar, facilidade ou dificuldade em estabelecer comunicação com amigos e familiares, mudanças bruscas de temperaturas, dentre outros fatores.

A forma como as aeronautas descrevem suas vidas cotidianas parece indicar uma relação entre a vivência do trabalho na aviação e alterações significativas na temporalidade do trabalhador. Em suas verbalizações, torna-se comum a utilização de uma construção temporal em que o próprio ritmo da fala sugere a inexistência de intervalos, o que parece demonstrar vivências da dimensão temporal decorrente do trabalho na aviação. Diz uma das entrevistadas:

comissário é muito assim... dinâmico e as pessoas do dia a dia não são. As pessoas são calmas ... lá em casa, eu e meu marido, somos mais agitados, a gente tem um tempo diferente. A gente já tá pensando lá na frente, porque não temos muito tempo em casa, então já estamos pensando o dia de amanhã. (Andrea)

Por ser o trabalho na aviação atravessado por uma multiplicidade de espaços e temporalidades, a percepção temporal da tripulante diante do seu cotidiano profissional e de vida parece adquirir uma lógica outra, como pude ouvir no relato de uma comissária: *“a gente perde a noção de tempo...nosso tempo parece que passa mais rápido, porque a gente está sempre em movimento”* (Jussara).

Temporalidade e espaço doméstico

Os depoimentos das mulheres comissárias de voo foram evidenciadores das repercussões do trabalho profissional feminino nas diversas esferas de suas vidas. Neste item, abordaremos as implicações do trabalho profissional feminino na esfera sociofamiliar e as especificidades advindas do exercício profissional no cotidiano da mulher aeronauta.

As mulheres comissárias de voo vivenciam em sua atividade laboral uma questão temporal e espacial peculiar; entretanto, quando se referem à queixa quanto à sobrecarga de atividades, tal fato não parece caracterizar uma questão específica de mulheres inseridas nessa categoria profissional, mas sim uma questão recorrente na fala de mulheres trabalhadoras em geral, conforme relato de uma comissária: “*eu trabalho muito menos fora do que dentro de casa. Dentro de casa eu não paro um minuto*” (Carla).

Tal questão vem ao encontro do que vem sendo discutido por autores como Oliveira e Temudo (2008) sobre a queixa de sobrecarga em mulheres que exercem atividades profissionais. Esses autores, em revisão da literatura, defendem que a emancipação das mulheres através do trabalho profissional não passa de um mito, uma vez que as mulheres continuam a estar sobrecarregadas, quer com a profissão, quer com o trabalho doméstico, “o que criou nas mulheres trabalhadoras a ‘identidade de super-mulher’” (Amâncio & Oliveira, 2002, p. 51).

Ao nos debruçarmos em estudiosos da questão temporal como Norbert Elias (1998), talvez avaliemos que os discursos sobre a utilização do tempo feminino, com relação à sobrecarga e distribuição das tarefas cotidianas, não devam apresentar diferenças ao considerar mulheres inseridas em diferentes classes sociais e setores profissionais. Na perspectiva desse autor, o modo como cada cultura organiza o tempo revela aspectos fundamentais da organização dessa sociedade (Elias, 1998). Segundo abordado por Rotenberg et al. (2010), a “decisão sobre a utilização do tempo não é autônoma, mas, ao contrário, é muitas vezes imposta por certas determinações da organização social ou econômica da sociedade ao qual estamos inseridas” (p.10).

Assim, pode-se considerar que as comissárias de voo, ao se referirem à junção do trabalho profissional e trabalho doméstico, parecem se referir à condição de serem mulheres. Observa-se que, frequentemente, quando relatam seu cotidiano, empregam palavras que nos remetem a uma noção de pertencimento a um grupo, conforme relato da comissária de voo abaixo, em que utiliza as expressões “a mulher” e “a gente” no sentido de identificá-la a um grupo, no caso o de mulheres mães que exercem atividade profissional e que são responsáveis pelas atividades domésticas: “*A mulher tem que dar conta de tudo, né? Da casa, do trabalho, dos filhos, marido, supermercado...enfim, tudo você tem que tomar conta ... a gente conversa com outras mulheres mães e a gente sabe que é tudo igual...*” (Carla).

O fato de “ter que dar conta de tudo” parece ser uma questão cara ao universo feminino e é enfatizada pela socióloga Rosiska Oliveira (2003) em seu livro *Reengenharia do Tempo*. Nessa obra, a autora salienta que: “Na longa lista de emprego do tempo da mulher, vêm os filhos, os idosos, o companheiro, só não vem ela mesma, personagem secundário, última coadjuvante de sua própria vida” (p.10). Observa-se entre as mulheres uma espécie de priorização do tempo que reflete valores sociais de nossa cultura, em que o papel relativo ao funcionamento e bom andamento do lar assumem destaque em seu funcionamento social.

O fato de se tornar a “última coadjuvante de sua própria vida” parece ser atravessado por uma questão naturalizada cultural e socialmente. Tal condição, para algumas comissárias, parece ser vivenciada como algo importante, como nos relata uma comissária:

A gente se preocupa com o dinheiro que tem que entrar; o dinheiro que vai sair; os cuidados e atenção que tem que dar aos filhos, que não dá tempo, tem o marido, a casa, e quando você vê... está lá em último plano. (Jussara)

Tal depoimento parece vir ao encontro do que vem sendo discutido pela socióloga alemã Karin Jurczyk (1998), quando reflete sobre a construção do tempo de trabalho feminino sob a perspectiva das relações de gênero. Essa autora pontua que o tempo feminino “é dedicado a ambos os sexos e que está sempre baseado no pressuposto de que a mulher cuida de outros e o tempo que tem livre é ignorado” (p 287).

Tal questão tende a se sobressair quando constatamos que a presença cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho não diminuiu seus encargos domésticos. Como comenta Doucet (1995), qualquer que seja a técnica utilizada para “mensurar” a participação das pessoas no trabalho doméstico (avaliação do uso do tempo, questionários sobre a distribuição das tarefas domésticas, entre outras), o trabalho realizado em casa ainda pertence essencialmente à mulher. Esta combinação de “trabalhos”, denominada dupla jornada (Kergoat, 1989), é comum entre aquelas que vivem em família e trabalham fora.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que estudos destacando os efeitos potenciais do trabalho doméstico por si só ou em combinação com o trabalho profissional têm sido encontrados na literatura (Ramos, 2009; Rotenberg et al., 2010). Ao que parece, a quantidade de tempo cotidiano destinado ao trabalho doméstico vem adquirindo reconhecimento em âmbito nacional e integrando as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (Dedecca, 2008; Ramos, 2009; Rotenberg

et al., 2010). Esse fato parece estar contribuindo para subsidiar a elaboração e o fortalecimento de políticas públicas destinadas a combater as desigualdades de gênero.

Ao pontuar a elaboração de políticas públicas destinadas a combater as desigualdades de gênero, vale ponderar que o ambiente doméstico talvez seja o núcleo mais refratário, no sentido de ser o ambiente mais resistente às transformações ao considerar a igualdade entre homens e mulheres (Brito & D'Acri, 1991).

As mulheres comissárias de voo parecem destacar uma característica peculiar com relação à execução do papel de mãe, principalmente devido ao fato de apresentar períodos recorrentes de afastamento do lar. Por conta da especificidade da jornada de trabalho, o contato presencial entre mãe e filho se torna não tão frequente, e é comum na fala das aeronautas a presença de pessoas que as representem durante sua ausência. Essas pessoas caracterizam a rede de apoio social, que é geralmente formada por familiares ou amigos próximos. Esse *time*, como relatado por uma comissária, é composto, na maioria das vezes, especialmente por mulheres e parece ter por função viabilizar a dedicação à distância tanto à rotina doméstica quanto à vigilância aos filhos. Em determinada entrevista pudemos ouvir: “*conto com a minha mãe, minha empregada e às vezes minha sogra ... só que tudo eu passo para elas, tudo mesmo*” (Andrea).

Tal organização da vida cotidiana já havia sido sinalizada na dissertação de mestrado de Mello (2009), quando chama a atenção para a quantidade de pessoas que assumem as tarefas “diárias” de cada uma dessas comissárias, especialmente as atividades destinadas ao cuidado com os filhos. Mello (2009), ao apontar para a organização familiar das mulheres comissárias, ressalta o fato de que estas mulheres parecem vivenciar um “esgarçamento” de suas possibilidades ao exercerem atividades no âmbito doméstico e, particularmente por isso, parecem estabelecer negociações voltadas para a delegação de tarefas e/ou cooperação de amigos e familiares. Se compreendermos esgarçamento como algo que se estica ao limite, compartilhamos com as concepções de Mello (2009), e é característica também das comissárias que entrevistamos, na medida em que o controle do cotidiano no lar, apesar de estar sempre atravessado por outras personagens, conta com a participação intensa dessas mulheres que parecem ir além dos limites impostos pela distância temporal e espacial. No entanto, no Aurélio, a definição para esgarçamento é: “Separar, soltar os fios de um tecido: esgarçar a roupa. / P. ext. Dilacerar superficialmente, arrANHAR: esgarçar a pele”, o que não fez eco entre as

mulheres com quem conversamos. Nenhuma delas refere relações dilaceradas ou arranhadas, quer com filhos, quer com marido. Nesse sentido, preferimos não adotar esse termo para discutir as relações estabelecidas por nossas entrevistadas.

Parece ser prática comum para as mulheres inseridas nessa categoria profissional lançar mão de estratégias através das quais viabilizem a resolução de algumas questões, sejam relacionadas às suas atribuições domésticas ou de cuidados parentais mais especificamente. Torna-se interessante pontuar que exercer atribuições domésticas na modalidade à distância, como, por exemplo, viabilizar compras de eletrodomésticos e fazer contato com profissionais para realizar reparos, talvez se torne possível por conta dos avanços tecnológicos e evolução dos meios de comunicação. Entretanto, socialmente, o exercício da maternidade parece não seguir a mesma lógica.

Ávila (2005), ao abordar o estreito vínculo estabelecido entre o trabalho profissional e doméstico, pontua:

O tempo do trabalho doméstico é elástico, sem limites, sem valor, parte da existência das mulheres. Para as mulheres trabalhadoras as tarefas domésticas se estendem, pelo menos enquanto preocupação, para seu espaço na esfera produtiva. Um trabalho que se realiza sem que a preocupação com o outro desapareça. (pp. 7-8)

A preocupação com o exercício da função materna parece se sobressair a outros papéis sociais que são desempenhados pelas mulheres em geral. A vivência da maternidade parece efetuar um marco na vida dessas mulheres. Um marco de tal ordem que é como se o fato de ser mãe inviabilizasse a junção ou ocasionasse uma priorização ao desempenho de outros papéis sociais. Uma entrevistada nos revela que: “*mesmo sabendo que estou deixando R. [marido] de lado, o meu lado materno fala mais alto*”, e completa: “*eu sou mãe acima de tudo, antes de ser mulher eu sou mãe*” (Jussara).

Ainda com relação à parentalidade e conjugalidade, essa entrevistada parece apontar para certa prevalência consciente da parentalidade sobre a conjugalidade. Para uma aeronauta: “*a conjugalidade é afetada [risos]. Eu posso te falar sinceramente, é muito afetada, até porque além do meu cansaço eu me cobro com relação às crianças, acaba que fico deixando ele um pouco de lado, e eu tenho consciência disso*” (Jussara). O que vem sendo relatado por Jussara vai ao encontro da pesquisa desenvolvida por Oliveira e Marcondes (2004) sobre maternidade, trabalho e conjugalidade no pós-feminismo. Essas autoras

sinalizam que “a maternidade modifica o foco da atenção e dedicação feminina, chegando a um ponto de relegarem o marido a um segundo plano” (pp. 17-18).

Ao que parece, a vivência da maternidade parece adquirir para mulheres, sejam elas comissárias de voo ou não, um sentido especial. Em pesquisa desenvolvida por Souza e Ferreira (2005) com mulheres mães e mulheres não-mães na faixa etária média de 37 anos, observou-se que as participantes concebem e celebram a maternidade como um momento único, um marco essencial em suas vidas (p. 23).

Entre comissárias, observa-se que em um primeiro momento a vivência da maternidade parece auxiliar no enfrentamento das adversidades e dificuldades advindas do exercício profissional. Esse fato pode ser observado no relato:

eu não quero voar, fazer voos internacionais onde não tem segurança, eu quero ir e voltar para casa, quando você tem filhos seu foco muda, você trabalha para voltar para casa ... eu quero sair de casa, mas eu quero chegar. (Carla)

Em um segundo momento, parece que, ao terem filhos, ocorre um deslocamento no foco motivacional dessas mulheres. A motivação que anteriormente parecia ser investida apenas na aviação, com a presença de filhos se volta para o regresso a casa e para o cuidado com as crianças. Nesse sentido, em pesquisa realizada com mulheres operárias de uma fábrica têxtil, Fonseca (2000) observou que seus discursos apontavam para o fato de que suas existências estavam ordenadas por “duas principais motivações: família e trabalho” (p.124).

A partir da maternidade, parece que a vida das comissárias passa a adquirir um sentido diferente, em que a preocupação com a segurança e a garantia de um retorno ileso ao lar passam a ser indispensáveis. Tal descolamento só se configura com o exercício da parentalidade e parece não sofrer alterações com relação à conjugalidade. Fato que pode ser confirmado no trecho:

Quando não tem filho você se dedica mais à profissão e acaba deixando um pouco a desejar em casa, quando você tem filhos seu foco muda, você trabalha para voltar para casa, você sabe que tem alguém te esperando, que depende de você. Com o marido você se vira, mas depois que tem filhos não. (Carla)

O trecho acima nos remete ao interessante e estreito vínculo que se estabelece entre mãe e filho. No relato, a comissária parece se referir a uma espécie de “instinto materno” que a torna principal responsável pela função nutritiva e maternante da criança, ao mesmo

tempo em que parece sinalizar que com o exercício da maternidade seu foco motivacional se alterou de forma natural e instantânea. Nesse sentido, Elizabeth Badinter, em seu livro *Um amor conquistado: Mito do amor materno*, busca desnaturalizar o amor materno instintivo entre mães e filhos, ao sinalizar, baseada em documentos que se remetem aos séculos XVII e XVIII, os comportamentos das mulheres francesas em relação à maternidade. Segundo Badinter (1985) “num período que durou cerca de dois séculos, o comportamento das mães oscilou com frequência entre a indiferença e a rejeição” (p. 27). A autora comenta que era possível identificar mães com comportamentos diferentes quanto ao cuidado com seus filhos; contudo, enfatiza que eles não eram extensivos à grande maioria das mulheres da época. Badinter (1985) identifica que é somente no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de “revolução das mentalidades” (Morgado, 2004).

E a autora conclui: “o amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina” (Badinter, 1985, p. 22).

Badinter (1985) ressalta as dificuldades que se estabelecem quando se apresentam modificações nos parâmetros de convívio estabelecidos como “naturais” e “corretos” entre mães e filhos pela sociedade. Ao considerar os depoimentos das mulheres comissárias e as discussões acerca da crença no amor materno instintivo, imaculado e incondicional, essas parecem sinalizar questões importantes na convivência com seus filhos.

No discurso das mulheres aeronautas, assim como das mulheres em geral, surge a queixa com relação à falta de tempo para a convivência e cuidado aos filhos. Essa queixa de falta de tempo surge não apenas como uma preocupação no presente momento, mas como uma preocupação futura com a qualidade da relação mãe-filho em termos das possíveis consequências da ausência no cuidado com a prole: “*meus filhos cresceram e eu não vi direito. Até que ponto minha profissão afeta o lado psicológico dos meus filhos? Querendo ou não, eu sou ausente boa parte do tempo*” (Jussara).

Outra preocupação na fala das entrevistadas se refere às cobranças realizadas aos filhos por estar grande parte do tempo afastada do lar:

Eu acho que por a gente estar fora a gente cobra mais deles, eles são mais cobrados do que os filhos de quem não trabalha nesse ramo. A gente ensina tudo porque não temos todos os dias para ensinar e a gente cobra isso deles bastante. (Andrea)

No trecho acima, a comissária parece sinalizar que, devido a sua ausência do lar por períodos prolongados, ocorre uma reorganização na educação das crianças ao concentrar a educação diária nos períodos em que retorna a casa, ao mesmo tempo em que parece estimular a autonomia dos filhos. Esse discurso revela uma modalidade de convivência atravessada por uma questão temporal. Nesse sentido, o fato de ensinar não se dá segundo um padrão diário e regular como ocorre com os filhos de quem não trabalha nesse ramo, mas em seus períodos de folga. Ao que parece, há uma cobrança e exigência direcionada aos filhos, mas também uma autocobrança e preocupação com tempo necessário e despendido para educar as crianças.

Ponderamos anteriormente que as exigências em relação à maternidade não parecem ter mudado muito, o que contribui para que as mulheres queiram estar à frente, mesmo quando estão distantes. Acabam por criar uma outra relação tempo / espaço. Uma questão que se sobressai é em que medida essas relações não podem criar outras intensidades. Nosso olhar para mães e filhos que passam alguns dias distantes tende a enxergar sofrimento, falta, dano. No entanto, a fala de Andrea pode sugerir que a distância talvez possa gerar ganhos para a mãe e a criança, na medida em que esta última fica mais autônoma e vai querer ou exigir da mãe outra qualidade de afeto.

Em contrapartida, quando se trata de contrabalançar a “quantidade” de tempo disponível para os filhos e a qualidade desse tempo, torna-se interessante pontuar o fato de se perceberem dando uma educação de qualidade aos filhos ao compararem o seu dia a dia ao de outras mulheres. Quando se referem a outras mulheres, são aquelas que exercem atividades profissionais consideradas *normais*, como dito por uma entrevistada. As profissões consideradas “normais” seriam aquelas cujo trabalho é desempenhado em dias úteis e em horário comercial: “*eu acho que a gente é muito mais presente do que gente que trabalha em terra, que trabalha normal*” (Andrea).

Conforme relatado por outra comissária, a qualidade no cuidado com os filhos se deve à possibilidade de ter folgas agrupadas e a folga acontecer em dias úteis, proporcionando, por exemplo, a ida até a escola do filho. Nesse sentido, uma entrevistada enfatiza: “*Às vezes eu consigo dar mais qualidade aos meus filhos no convívio com eles do que quantidade*” (Carla).

Como escutar o que mulheres como Carla estão falando? Que caminhos ela está trilhando com essa comparação, e como podemos compreendê-lo, sem aprisioná-la em um discurso vitimizante? A questão

não parece ser contabilizar as horas de contato, mas valorizar o acompanhamento dos filhos que não fica necessariamente prejudicado se escapar do formato previsto e entendido como sinônimo de felicidade.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar discussões que contribuíssem para a reflexão acerca do cotidiano profissional e de vida em mulheres mães comissárias de voo, considerando as vivências e percepções acerca do universo aeronauta. Optamos por estudar comissárias de voo por acreditar, assim como Mello (2009), que se trata de um grupo com características muito particulares, pouco conhecidas e menos ainda problematizadas. Não pretendemos afirmar com isso, no entanto, que se deveriam encontrar concepções diferentes acerca de temáticas referentes a esse exercício singular de tempo e espaço como o dia a dia profissional, a maternidade, a conjugalidade. Essa era, na verdade, nossa curiosidade.

Ao longo da pesquisa vieram à tona as especificidades na organização temporal e espacial do trabalho na aviação, os possíveis atravessamentos da questão de gênero dentro desse universo e as peculiaridades com relação à gestão e organização da vida cotidiana. Contrariamente ao que poderíamos imaginar, os discursos demonstravam a vivência da maternidade de forma muito parecida com as mulheres trabalhadoras em geral. Entretanto, por conta das especificidades do cotidiano, foram revelando outras formas de gerenciar a casa e a maternidade, outros modelos de relação com filhos, amigos e familiares e uma concepção de trabalho que nos faz problematizar o que concebemos como penoso e gerador de sofrimento a partir dessas experiências que se dão em territórios existenciais pouco habitados. E a própria psicologia, consultada com frequência a respeito de possíveis desajustes oriundos de qualquer arranjo que se conceba como escapando do usual, sobretudo referente à família, deve aproveitar para pôr em questão modelos conhecidos que prometem felicidade, mas pouco falam sobre a diversidade do cotidiano experimentado por mulheres que trabalham.

As comissárias entrevistadas pertenciam a companhias aéreas distintas, entretanto, não foram observadas diferenças em seus discursos ao considerar as diferentes empresas aéreas às quais pertencem. As mudanças recentes em suas vidas profissionais, com a demissão da Varig, trouxeram à tona um discurso saudosista e comparativo com a empresa anterior, mas a todo o momento sinalizavam ter escolhido continuar na profissão e gostar do que fazem. O trabalho na

aviação é tido como algo do qual não abrem mão e que traz sentido a suas vidas.

Como o tempo do aeronauta apresenta-se de forma irregular e fragmentado, as relações familiares e de amizades são diretamente marcadas por esta questão. No transcorrer do estudo também fomos atravessadas pelo tempo dessas mulheres, na medida em que se tornou tarefa árdua estabelecer contato e agendar um encontro para que se tornasse possível a realização do trabalho de campo. No entanto, irregularidade e fragmentação não são, em si, defeitos ou problemas, mas características, como me mostraram as entrevistadas, remetendo-as para certas organizações da vida. Isso que soa diferente nos faz refletir sobre o que consideramos tão familiar.

A centralidade da dimensão temporal e espacial no desenrolar das atividades cotidianas dessas mulheres é um fato. E talvez fiquem em evidência exatamente porque as vimos como diferentes. Quando estão distantes espacialmente, lançam mão de rede de apoio social para gerenciar as funções cultural e socialmente atribuídas a elas, uma espécie de terceirização da parte administrativa referente à função de mãe e dona de casa, com o auxílio de babás, avós, parentes e amigos. E essa terceirização, em seus discursos, não desqualifica o afeto.

Na medida em que para essas mulheres não há uma sequência semanal ou mensal tradicional de atividades, é com base nas escalas de trabalho e na irregularidade que tendem a organizar suas vidas. E, nessa perspectiva, poder-se-ia pensar em que medida essas singularidades promovem outros modos de ser e estar na conjugalidade e parentalidade. Ao buscarmos apreender a vivência de mulheres que vivenciam novas conformações de cotidiano, acabamos por também aprender a ouvir suas trajetórias e escolhas que nos levassem a caminhos desconhecidos e inesperados.

Referências

- Amâncio, L. & Oliveira, J. M. (2002). Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Portugal, 40, 45-61.
- Araújo, E. R. (2000). *Do sentido do tempo ou da impossibilidade de sentido*. Trabalho apresentado no Congresso Português de Sociologia, 4. Portugal. Acesso em 30 de abril, 2014, em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df79ac0e61_1.PDF
- Ávila, M. B. (2005, março). *Tempo, mulheres e divisão sexual do trabalho*. Acesso em 25 de março, 2010, em <http://www.pautasocial.com.br/artigo.asp?idArtigo=174>
- Azeredo, S. (2010). Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Estudos Feministas*, 18(1), 175-188.
- Associação dos Pilotos da VARIG – APVAR. (1992). *Voando com os pilotos – condições de trabalho dos pilotos de uma empresa de aviação comercial*. São Paulo: Autor.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brito, J. & D’Acri, V. (1991). Referencial de análise para o estudo da relação trabalho, mulher e saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 7(2), 201-214.
- Brito, J. (2005). O trabalho e saúde coletiva: o ponto de vista da atividade e das relações de gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(4), 879-890.
- Caiafa, J. (2007). *Aventura das cidades – ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Certeau, M. (1996). *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (2ª ed., E. F. Alves, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Da Matta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Rocco.
- Dedecca, C. S. (2008). Regimes de trabalho: uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres. In A. O Costa, B. Sorj, C. Bruschini, & H. Hirata (Orgs.), *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais* (pp. 279-297). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Doucet, A. (1995). Gender equality and gender differences in household work and parenting. *Womens Study*, 18(3), 271-284.
- Elias, N. (1989). *O processo civilizador – formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fonseca, T. M. G. (2000). *Gênero subjetividade e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jurczyk, K. (1998). Time in Women’s everyday lives: between self-determination and conflicting demands. *Time & Society*, 7, 283-308.
- Kergoat, D. (1989). Da divisão do trabalho entre os sexos. *Tempo Social*, 1, 88-96.
- Mello, D. (2009). *Comissárias de Voo: um olhar sobre a relação entre os tempos de trabalho e da vida familiar*. Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ, Rio de Janeiro.
- Morgado, R. (2004). *Família(s): permanências e mudanças. Os lugares sociais de mulheres e homens*. Trabalho apresentado no Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, com a temática “A questão social do novo milênio”. Coimbra. Acesso em 30 de abril, 2014, em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RosanaMorgado.pdf>
- Oliveira, M. C. & Marcondes, G. S. (2004). *Contabilizando perdas e ganhos: maternidade, trabalho e conjugalidade no pós feminismo*. In Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. GT Reprodução Humana e GT População e Gênero: nupcialidade, conjugalidade e família. Caxambu, MG. Acesso em 30 de abril, 2014, em http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_503.pdf
- Oliveira, M. & Temudo, E. (2008). Mulheres estudantes trabalhadoras na Universidade do Porto – uma licenciatura fora de tempo ou sem tempo? *Revista ex aequo*, 18, 147-173.
- Oliveira, R. D. (2003). *Reengenharia do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa – Intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

- Ramos, P. D. (2009). Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. *Estudos Feministas*, 17(3), 861 - 870.
- Rifkin, J. (2005). *Sonho Europeu*. São Paulo: Editora M. Books.
- Rotenberg, L., Griep, R. H., Pessanha, J., & Gomes, L., Portela, L. F., & Fonseca, M. J. M. (2010). Housework and recovery from work among nursing teams: A gender perspective. *New Solutions: A Journal of Environmental and Occupational Health Policy*, 20(4), 497-510.
- Souza, D. B. L. & Ferreira, M. C. (2005). Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 19-25.
- Zerubavel, E. (1997). *Hidden rhythms – Schedules and calendars in social life*. London: University of California Press.

Submissão em: 26/01/2011
Revisão em: 10/11/2011
Aceite em: 14/03/2012

Flaviany Ribeiro da Silva é Mestre em Psicologia Social e Professora Assistente no Centro Universitário Celso Lisboa.. Endereço: Rua Paissandu, 287/302. Flamengo. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CEP 22210-080.
E-mail: flaviany.ribeiro@gmail.com

Anna Paula Uziel é Doutora em Ciências Sociais e Professora Adjunta UERJ.
E-mail: uzielap@gmail.com

Lúcia Rotenberg é Doutora em Psicologia e Pesquisadora do quadro permanente Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.
E-mail: lucia.rotenberg@gmail.com

Como citar:

Ribeiro-Silva, F., Uziel, A. P., & Rotenberg, L. (2014). Mulher, tempo e trabalho: o cotidiano de mulheres comissárias de voo. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 472-482.